

Carentes ganham terrenos em Brazlândia

Ao todo são 80 lotes que os ex-invasores da 110 Norte se recusaram a ocupar

JORGE CARDOSO



As mulheres limpam a futura área onde vão construir as casas com tecnologia do ITA

Enxada na mão, a mineira Maria Francisca Pereira não poupa trabalho apesar de seus 80 anos de idade. Ela integra um grupo de 160 famílias de baixíssima renda que irá ocupar 80 lotes de 480 metros quadrados, próximo a Brazlândia. Os terrenos recusados pelos moradores da antiga invasão da 110 Norte, são a grande alegria destas famílias que num trabalho diário de mutirão vêm promovendo a limpeza do local, através da capina, e a perfuração de pôco artesiano.

Os lotes foram cedidos pela Daher Empreendimentos e Sarkis Imóveis à Associação dos Inquilinos de Brazlândia que, depois de promover o cadastramento de 3 mil 56 famílias, selecionou aquelas com maior número de filhos, menor renda e mais tempo no DF. Diariamente cerca de 30 mulheres participam do trabalho de limpeza da área, com a utilização de enxadas, enquanto 10 homens fazem a perfuração de pôco artesiano. Embora a disposição de trabalho seja grande, motivada pelo sonho da casa própria, a falta de recursos está impondo uma lenta evolução dos trabalhos.

PROMESSA

Depois de prometer a perfuração do pôco, construção de escola e criação de linha de transporte público no local, para o assentamento de moradores da 110 Norte e não cumprir o acordo, o secretário de Serviços Sociais, Adolfo Lopes, manifesta total apoio ao projeto da associação, sem no entanto garantir efetivamente recursos, protesta o presidente da entidade, Joaquim Jorge Pereira dos Reis. Com o transporte de trabalhadores de Brazlândia para Monte Alto, onde ficam os lotes, a associação vem gastando nada menos que Cz\$ 1 mil por dia.

Somente o Centro de Desenvolvimento Social de Brazlândia, que concedeu Cz\$ 30 mil para compra de lona de barraca na área, e a LBA que irá liberar Cz\$ 150 mil, vem colaborando com a iniciativa, além do Instituto de Tecnologia Alternativa (ITA) que fornece importante orientação técnica. Nesta fase inicial a coordenação do projeto Mão ao Barro, desenvolvido pelo ITA em Brazlândia, já faz

o acompanhamento do trabalho em Monte Alto.

A grande colaboração do órgão, no entanto, será quando começar as construções das casas, uma pequena fábrica de tijolos e telhas, através de tecnologia alternativa, permitirá não só a produção do próprio material como também um aprendizado e profissionalização aos novos moradores do local, des providos de qualquer qualificação. O ITA garantiu a participação no projeto já no final de outubro, desde que as famílias começaram os trabalhos de mutirões aos domingos e depois diários.

AJUDA

Se por um lado órgãos e entidades como o ITA e a LBA vêm prestando apoio fundamental, não só a Secretaria de Serviços Sociais fica alheia à iniciativa de assentamento, como também o próprio administrador regional de Brazlândia, José Tobias de Rezende. Nem mesmo a equipe de topografia da administração prestou ajuda indio ao local para fazer a medição dos terrenos, afirma Jorge Pereira dos Reis.

As seis quadras que irão abri-

gar as 160 famílias ficam em Monte Alto, um novo assentamento a 13 quilômetros de Brazlândia. A maior dificuldade, de imediato, é a água. Localizadas em região alta, as quadras vão exigir um poço artesiano muito profundo ou um sistema de abastecimento de água a partir de uma nascente que fica a 1 mil e 600 metros do local. Além disso, não há ônibus e somente as linhas interestaduais podem chegar à área, que já está em território goiano.

Um abaixo-assinado das 160 famílias, além de proprietários de outros lotes em Monte Alto, será entregue ao superintendente da Viplan, Wagner Canhedo, na esperança de ser assegurado o transporte coletivo. A rede de luz já foi instalada pelas imobiliárias que concederam os terrenos. A falta de recursos já está comprometendo a compra de pedra, areia, cimento, pregos e uma Kombi para transportar os voluntários do mutirão. Já a madeira poderá ser solucionada com a concessão da Proflora, que tem reflorestamento de pinus e eucalipto em terras próximas a Brazlândia.

As seis quadras que irão abri-

Aluguel é o pior drama

Os filhos dormem em tábua e ela é o homem e a mulher da casa. "Meu marido tem problema mental e está internado, mas minha maior dificuldade é pagar Cz\$ 3 mil de aluguel por um barraco de dois cômodos em Brazlândia", afirma a diarista Alajde Rosalina dos Santos, que será uma das pessoas beneficiadas com a concessão de terreno em Monte Alto. Depois de largar a enxada, pois as chuvas de ontem impediram o trabalho normal, ela chorou ao relatar seu sofrimento.

Fugir dos aluguéis abusivos, dispondo de um lote próprio, é o grande sonho de todas as famílias que trabalham na capina da área para ocupar as seis quadras de Monte Alto. Maria Francisca Pereira, 80 anos, mora só em um pobre barraco e há um mês foi recebida pelo governador José Aparecido em seu gabinete,

onde ouviu palavras de conforto e a garantia de que forneceria ajuda. Ela ainda aguarda pelo apoio do GDF, embora antes da construção do Guará tenha feito inscrição da Shis e ainda não tenha uma casa.

Apesar de todo o sofrimento, as horas passadas em Monte Alto são momentos de alegria e muito riso entre as futuras moradoras. Ontem, até mesmo uma mãe com uma criança de apenas 14 dias ajudava no trabalho de capina. Era Aurora Sousa Santiago, diretora da Associação dos Inquilinos de Brazlândia. Mulheres, velhos e crianças fazem a limpeza da área, alguns homens tentam adiantar a perfuração de poço, enquanto as pessoas com saúde mais debilitada, como Odelina Araújo Sousa, com problemas cardíacos, colaboram fazendo um café ou distribuindo biscoitos para a equipe.